

ADULTEZ EMERGENTE: NA FRONTEIRA ENTRE A ADOLESCÊNCIA E A ADULTEZ¹

Sara Monteiro
smonteiro@ua.pt

José Tavares
jtav@ua.pt

Anabela Pereira
anabelapereira@ua.pt

Resumo Abstract

A teoria da adulter emergente, de Jeffrey Arnett, tem sido apresentada como uma grelha compreensiva, útil na conceitualização do período desenvolvimental, que decorre entre os 18 e os 25 anos de idade. De acordo com a teoria, este período apresenta características específicas que o tornam distinto dos períodos desenvolvimentais da adolescência e da adulter e é marcado, predominantemente, pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo autofocus, pela vivência do sentimento “in-between” e pela percepção de possibilidades múltiplas. Com o presente trabalho, pretendemos abordar a teoria da adulter emergente, com uma análise detalhada das suas características, assim como o seu surgimento no contexto das sociedades industrializadas, nomeadamente, na realidade nacional. De igual modo, a adequação do conceito de adulto emergente à caracterização do estudante do ensino superior será também discutida.

The theory of emerging adulthood, by Jeffrey Arnett, has been presented as a comprehensive grid useful to the conceptuality of the development period, that occurs between the 18 and 25 years of age. According to this theory, this period shows specific characteristics that make it distinct from the developmental periods of adolescence and adulthood. It is predominantly marked with the identity exploration, the instability, the self focus, the living feeling of in-between and the perception of multiple possibilities. With the present work, we want to make this theory of emerging adulthood knowable, with a detailed analysis of its characteristics, as its rise in the context of industrialized societies, specifically in national context. In the same way, the concept of emergent adult in relation with the characterization of the higher education student will also be discussed.

Palavras-chave: adulter emergente; período desenvolvimental; transição para a adulter.

Key words: emergent adulthood; developmental period; transition to adulthood.

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no II Congresso Internacional CIDInE “Novos contextos de formação, pesquisa e mediação”, 29-31 de janeiro de 2009, Vila Nova de Gaia, Portugal.

Contextualização do surgimento da teoria da adultez emergente

Partindo das contribuições de Erikson (1950, 1968), Levinson (1978), Keniston (1965, 1971) e dos seus próprios trabalhos, Arnett (1997, 1998, 2000a, 2001, 2004, 2006) propôs uma nova etapa de desenvolvimento humano, que designou de adultez emergente (“emerging adulthood”). Este período desenvolvimental, que decorre entre os 18 e os 25 anos de idade, corresponde a um período distinto dos períodos desenvolvimentais da adolescência e da adultez, e é marcado predominantemente pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo autofocus, pela vivência do sentimento “in-between” (de “*estar entre*”)² e pela percepção de inúmeras possibilidades (ARNETT, 2004, 2006).

Uma das primeiras contribuições teóricas para a conceptualização desta etapa de desenvolvimento humano corresponde aos trabalhos de Erikson (1950, 1968). Apesar de o autor, na sua teoria sobre o desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, não ter especificado claramente um estágio equivalente ao da adultez emergente, referiu-se ao conceito de adolescência prolongada (“prolonged adolescence”), típica das sociedades industrializadas, e à moratória psicossocial “during which the young adult through free role experimentation may find a niche in some section of his society” (ERIKSON, 1968, p. 156). Parece, assim, que, embora sem haver a atribuição de uma designação específica, o autor reconheceu a existência de um período situado entre a adolescência e a jovem adultez, durante o qual há o adiamento de compromissos e de responsabilidades característicos do adulto e a simultânea experimentação de papéis, iniciada na adolescência e agora intensificada.

Outra contribuição teórica, relevante, pode ser encontrada no trabalho de Levinson (1978). Apesar de o autor ter conduzido o seu trabalho com homens de meia-idade, obteve igualmente as suas descrições a propósito de idades inferiores, pelo que lhe foi possível desenvolver uma teoria que incluía também os adolescentes tardios e os jovens adultos. Assim, designou a faixa etária dos 17 aos 33 anos como um estágio principiante de desenvolvimento (“novice phase of development”), cuja tarefa dominante implica entrada no mundo adulto e a construção de uma estrutura de vida estável. Durante este processo, o jovem experimenta uma série de mudanças e instabilidade, ao mesmo tempo em que surgem diversas e variadas possibilidades na vida profissional e na vida afetiva (LEVINSON, 1978). O autor reconheceu que a sua concepção desta fase era similar às ideias de Erikson acerca da experimentação de papéis, típica da moratória psicossocial.

Dentre as teorias acima mencionadas, talvez seja a de Keniston (1965, 1971) a que tem maior destaque. No mesmo sentido de Erikson (1950, 1968) e de Levinson (1978), Keniston (1965, 1971) conceitualizou a juventude (“youth”) como um período de experimentação de papéis, situado entre a adolescência e a adultez. Numa época em que a sociedade americana e algumas sociedades da Europa Ocidental estavam marcadas por movimentos de protesto, conduzidos por jovens acerca do envolvimento dos Estados Unidos na guerra do Vietnã (entre outros aspectos), o autor descreve a juventude como um período de “tension between self and society” (KENISTON, 1971, p. 8) e de “refusal of socialization” (KENISTON, 1971, p. 9).

Apesar de Erikson (1950, 1968), Levinson (1978) e Keniston (1965, 1971) terem contribuído de forma relevante para o enquadramento teórico da adultez emergente, há que ter em conta que a natureza do período descrito pelos autores sofreu alterações profundas, desde então (ARNETT, 2000a).

² Tradução Livre

As alterações demográficas ocorridas nas últimas décadas, no que diz respeito ao *timing* do casamento e da parentalidade, tornam a adulter emergente um período desenvolvimental típico dos jovens nas sociedades industrializadas. Por exemplo, nos Estados Unidos, em 1970, a idade média do casamento era 21 anos para as mulheres e 23 anos para os homens; em 1996, tinha aumentado para os 25 para as mulheres e 27 para os homens (U. S. Bureau of the Census, 1997). O padrão manteve-se relativamente à idade média do nascimento do primeiro filho. Da mesma forma, o índice de jovens americanos estudantes do ensino superior aumentou dos 14% em 1940, para os 60% em meados dos anos 90 (ARNETT e TABER, 1994; BIANCHI e CASPER, 1996). No que diz respeito a Portugal, o retardar da idade do casamento é uma tendência que se tem mantido ao longo das últimas décadas e para ambos os sexos, embora mais significativamente nas mulheres. Em relação à idade média do casamento, registou-se aumento de 3,4 anos para os homens e de 3,6 para as mulheres, em relação a 1960. A idade média do primeiro casamento tem aumentado igualmente para ambos os sexos, situando-se, em 2005, nos 28,9 anos para os homens e nos 27,3 anos para as mulheres. No que se refere à idade média do nascimento do primeiro filho, em 1982, era 23,5 anos; em 2005 atinge os 27,8 anos (Instituto Nacional de Estatística, 2006).

Uma das principais características demográficas da adulter emergente é mesmo a enorme variabilidade demográfica existente. Ou seja, este período “is the only period of life in which nothing is normative demographically” (“é o único período da vida em que nada é normativo demograficamente”)ⁱ (ARNETT, 2000a, p. 471), em virtude da sua qualidade exploratória e experimental. Rindfuss (1991, p. 496), a este propósito, referiu que o período situado entre os 18 e os 30 anos é “demographically dense” (“demograficamente denso”)ⁱ já que é neste intervalo de idades que muitas das transições demográficas ocorrem.

Principais características da adulter emergente

Tal como referimos anteriormente, Arnett (2000a, 2004, 2006) considera a adulter emergente um período desenvolvimental, distinto, quer da adolescência, quer da adulter, marcado por características próprias: exploração da identidade, instabilidade, *autofocus*, sentimento “in-between” e possibilidades. Cada uma destas características irá ser agora descrita mais detalhadamente.

Exploração da identidade

A adulter emergente é a idade da exploração da identidade, na medida em que, ao longo deste período, existe a exploração de diversas possibilidades em áreas distintas, principalmente na vida profissional e na vida afetiva. É neste processo de exploração de possibilidades que o adulto emergente clarifica as suas identidades. Numa fase em que são mais independentes dos seus pais, mas que ainda não assumiram compromissos típicos da idade adulta (e.g., casamento, parentalidade), os adultos emergentes têm oportunidade única para experimentar e viver diferentes possibilidades.

Instabilidade

As explorações próprias da adulter emergente tornam este período excepcionalmente estimulante, mas também excepcionalmente instável. Por exemplo, Goldscheider e Goldscheider (1999) refe-

rem que a primeira transição residencial ocorre, normalmente, aos 18/19 anos com a saída de casa dos pais, motivada pela entrada no ensino superior, mas que 40% dos adultos emergentes voltam para casa dos pais entre os 20-25 anos. Em Portugal, questões como o alargamento da escolaridade obrigatória, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, o ingresso em carreiras profissionais mais exigentes ou ainda o acesso à habitação própria tornam este período repleto de instabilidades. Por exemplo, em 2005, a taxa de desemprego atingiu os 16,1% no grupo etário dos 15 aos 24 anos, quando, em 1999, era de 8,8% (INE, 2006). Em 2004, a população autônoma, do ponto de vista habitacional, com idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos, era apenas de cerca de 4,6%, dos quais quase 70% afirmaram que o seu trabalho não era nada estável ou que apenas o era em parte (NICO, 2007).

Autofocus

A adulthood emergente é também a idade do autofocus, no sentido de que os adultos emergentes têm poucas obrigações e deveres sociais, e poucos compromissos com os outros, o que lhes permite grande autonomia na gestão das suas vidas. Desta forma, são relativamente livres para tomarem decisões importantes acerca das suas vidas (ARNETT, 1998). De acordo com Arnett (1998, 2004), o autofocus cumpre uma função importante, a de autosuficiência, que ocupa um papel central na visão que os adultos emergentes têm acerca do ser adulto.

Sentimento “in-between”

Um dos motivos subjacentes à designação de adulthood emergente relaciona-se com a dificuldade dos indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, responderem à questão: “Sente que já atingiu a idade adulta?”. A maioria dos adultos emergentes responde a esta questão afirmando: “De certa forma sim, de certa forma não”. Num estudo conduzido por Arnett (2001), cerca de 60% dos adultos emergentes entrevistados responderam desta forma à questão colocada. À medida que os entrevistados se aproximam dos 30 anos e nos anos seguintes, a maioria considera já ter atingido a idade adulta, embora continue a haver uma percentagem substancial (30%) de indivíduos que se sentem “in-between”. Isto é, o sentimento de ter atingido a idade adulta demora tempo a ser alcançado, havendo um período substancial em que os indivíduos se sentem “in-between”, como se estivessem a emergir na idade adulta, embora ainda não se sintam completamente lá. Obviamente, que esta questão está intimamente relacionada com os critérios, segundo os quais os indivíduos se consideram adultos. Diferentes estudos, conduzidos em diferentes regiões dos Estados Unidos e em outros países industrializados, com grupos étnicos vários, utilizando quer questionários, quer entrevistas, sugerem três critérios principais para se atingir a idade adulta (para uma revisão, cf. Arnett, 2006): assumir responsabilidade em nome próprio, tomada de decisão independente e independência financeira.

Possibilidades

A adulthood emergente é também a idade das possibilidades. E o é de duas formas distintas. A primeira relaciona-se com o otimismo e a esperança no futuro, característicos deste período. A segunda tem a ver com o fato de este período representar uma oportunidade crucial para os jovens estabelecerem uma identidade independente, e tomarem decisões acerca do tipo de pessoa que querem ser

e do tipo de vida que querem ter no futuro. Num estudo conduzido por Hornblower (1997) com jovens americanos, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, verificou-se que, cerca de 96%, concordava com a afirmação “I am very sure that someday I will get to where I want to be in life” (“Tenho total certeza que algum dia chegarei onde quero na vida”)ⁱ. Parece que os adultos emergentes, mesmo os pertencentes a níveis socioeconômicos mais baixos, tendem a achar que as suas vidas vão ser melhores do que as dos seus pais (ARNETT, 2000b). Talvez este fato esteja relacionado com a inexistência do teste com a realidade, isto é, uma vez que os jovens não assumiram ainda os compromissos definitivos (ou, pelo menos, duradouros) característicos da idade adulta (e.g., no trabalho) e, por isso, não enfrentaram ainda as dificuldades inerentes a tais compromissos, têm esperança que tudo aconteça da forma como idealizam (e.g., um emprego bem remunerado, um casamento feliz). É também neste período de vida que os jovens têm oportunidade de se distanciar das suas famílias de origem e tentar construir os seus próprios caminhos, uma vez que até este período (durante a infância e adolescência) são normalmente os pais os grandes responsáveis pelas decisões importantes das suas vidas.

Estudante do ensino superior: um adulto emergente?

Apesar de o período desenvolvimental, estudado no contexto da teoria da adulthood emergente (ARNETT, 1997, 1998, 2000a, 2001, 2004, 2006), corresponder à faixa etária estudada tradicionalmente em contexto de ensino superior, o autor defende que a teoria é igualmente válida, quando se trata de jovens que não prosseguem os seus estudos para além do ensino secundário, uma vez que os princípios desenvolvimentais que propõe são universais. Caso o conceito de adulthood emergente fosse indissociável da experiência de ensino superior, a teoria proposta por Arnett (1997, 1998, 2000a, 2001, 2004, 2006) não constituiria um avanço no campo de conhecimento do desenvolvimento do jovem estudante universitário já existente (e.g., CHICKERING, 1969; EVANS et al., 1998).

De qualquer forma, há que ter em conta que o contexto de ensino superior poderá ter algum impacto no desenvolvimento do adulto emergente e se, por um lado, parece ser verdade que existem algumas características universais (e.g., “in-between”, explorações), também é verdade que diferentes contextos poderão estar associados a diferenças em aspectos desenvolvimentais e em indicadores de adaptação durante e após este período.

Sabe-se que a frequência do ensino superior tem um efeito indireto no desenvolvimento do adulto emergente, em virtude do adiamento de determinados compromissos que implica. Os estudantes do ensino superior tendem a adiar, por exemplo, a transição para o casamento (GAUGHAN, 2002; THORNTON et al., 1995) e a transição para a parentalidade (WU e MACNEILL, 2002). Por outro lado, adicionalmente aos efeitos indiretos da experiência do ensino superior, existem outros que se julgam diretos (Arnstein, 1980; para uma revisão, cf. Pascarella e Terenzini, 1991). A frequência do ensino superior tem sido associada, por exemplo, ao desenvolvimento moral (REST e NAVAREZ, 1991), assim como ao desenvolvimento cognitivo (LOURENÇO, 1994; PASCARELLA et al., 1995). Também Chickering (1969) chamou a atenção para o contexto de ensino superior, fornecendo suporte para o desenvolvimento psicossocial do estudante universitário ao longo de sete vetores: desenvolver um sentido de competência, desenvolver e integrar as emoções, desenvolver a autonomia em relação à interdependência, desenvolver as relações interpessoais, desenvolver a identidade, desenvolver um sentido de vida e desenvolver a integridade.

Apesar disso, alguns estudos têm sido conduzidos, no sentido de comprovar a validade da teoria da adulter emergente em jovens que não são estudantes universitários (GORE et al., 1997; KLERMAN e KAROLY, 1994), fornecendo suporte empírico aos pressupostos de Arnett. Por exemplo, Klerman & Karoly (1994) verificaram que a instabilidade em termos de transições ocupacionais — uma das características da adulter emergente — se verifica em todos os adultos emergentes depois de completarem os seus estudos (independentemente do grau de escolaridade obtido).

Considerações finais

Há décadas, têm ocorrido desenvolvimentos importantes, no que diz respeito à teoria e investigação referente ao período decorrido entre a adolescência e os 20 anos (e.g., ERIKSON, 1968; KENISTON, 1971). No entanto, só muito recentemente, com o surgimento da teoria da adulter emergente, se tem verificado um esforço de unificar aquilo que tem sido trabalhado de forma isolada ou em linhas distintas de teoria e investigação.

Como já foi referido, o conceito de adulter emergente foi proposto como um fenômeno internacional (ARNETT, 2000a), típico dos jovens das sociedades industrializadas, em que se verificaram alterações demográficas relevantes, no que se refere ao *timing* do casamento e da parentalidade. Apesar de nos termos referido ao otimismo aparente, que caracteriza o adulto emergente em relação ao futuro, não podemos deixar de salientar as dificuldades evidentes e inerentes a este período, como a dificuldade do acesso ao mercado de trabalho ou a dificuldade do acesso à habitação própria, que tornam este período particularmente gerador de stress. De qualquer modo, os dados disponíveis demonstram que, muito embora esta fase seja muitas vezes um tempo de instabilidade e de crise de identidade, poucas vezes corresponde a um período de desespero ou colapso.

Embora tenhamos procurado, ao longo do presente trabalho, apresentar dados referentes à realidade portuguesa, que nos permitam averiguar a adequação da teoria da adulter emergente ao nosso país, julgamos ser essencial o desenvolvimento de estudos aprofundados, de natureza quantitativa e qualitativa, acerca deste novo paradigma em contexto nacional. Adiantamos também a adequação desta necessidade em contexto brasileiro. Só assim, poderemos compreender melhor o jovem de hoje, com desejos, necessidades e dificuldades, obviamente, diferentes das que caracterizavam o jovem de alguns anos atrás.

Referências

ARNETT, J. J. Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence to midlife. *Journal of Adult Development*, 8, p. 133-143, 2001.

_____. Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, p. 469-480, 2000a.

_____. *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In: ARNETT, J. J.; TANNER, J. L. (Ed.). *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*, p. 3-19. Washington, DC: American Psychological Association, 2006.

ARNETT, J. J. High hopes in a grim world: Emerging adults views of their futures and of "Generation X." *Youth & Society*, 31, p. 267-286, 2000b.

_____. Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, p. 295-315, 1998.

_____. Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & Society*, 29, 1-23, 1997.

ARNETT, J. J.; TABER, S. Adolescence terminable and interminable: When does adolescence end? *Journal of Youth and Adolescence*, 23, p. 517-537, 1994.

ARNSTEIN, R. L. The student, the family, the university, and the transition to adulthood. *Adolescent Psychiatry*, 8, p. 160-172, 1980.

BIANCHI, S. M.; CASPER, L. M. Women, work, and family in America. *Population Bulletin*, 51(3), p. 1-48, 1996.

CHICKERING, A. W. Education and identity. San Francisco: Jossey-Bass, 1969.

ERIKSON, E. H. *Childhood and society*. New York: Norton, 1950.

ERIKSON, E. H. *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton, 1968.

EVANS, N. J.; FORNEY, D. S.; GUIDO-DIBRITO, F. *Student development in college: Theory, research, and practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

GAUGHAN, M. The substitution hypothesis: The impact of premarital liaisons and human capital on marital timing. *Journal of Marriage and the Family*, 64, p. 407-419, 2002.

GOLDSCHIEDER, F. K.; GOLDSCHIEDER, C. Changes in returning home in the US, 1925-1985. *Social Forces*, 78, p. 695-720, 1999.

GORE, S.; ASELTINE, R.; COLTON, M. E.; LIN, B. (1997). Life after high school: Development stress, and well-being. In: GOTLIB, I. H.; WHEATON, B. (Ed.), *Stress and adversity over the life course* (p. 197-214). New York: Cambridge University Press.

Instituto Nacional de Estatística (2006). *Indicadores sociais – 2005*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

KENISTON, K. *The uncommitted: Alienated youth in American society*. New York: Harcourt, 1965.

_____. *Youth and dissent: The rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

KLERMAN, J. A.; KAROLY, L. A. Young men and the transition to stable employment. *Monthly Labor Review*, 117, p. 31-48, 1994.

LEVINSON, D. J. *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine, 1978.

LOURENÇO, O. *Além de Piaget: sim, mas devagar!* Coimbra: Almedina, 1994.

NICO, M. L. Autonomia habitacional não conjugal na Europa: Portugal e Finlândia. *CIES e-Working Paper*, n. 34, 2007. Disponível em: <<http://cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP34.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2006.

PASCARELLA, E. T.; BOHR, L.; NORA, A., TERENZINI, P. Cognitive effects of 2-year and 4-year colleges: New evidence. *Educational Evaluation & Policy Analysis*, 17, p. 83-96, 1995.

PASCARELLA, E. T.; TERENZINI, P. T. How college makes the difference: A summary. In: PASCARELLA, E. T.; TERENZINI, P. T. (Ed.). *How college affects students: Findings and insights from twenty years of research*. p. 556-635. San Francisco: Jossey-Bass. 1991.

REST, J.; NAVAREZ, D. The college experience and moral development. In: KURTINES, W. M.; GEWITZ, J. L. (Ed.). *Handbook of moral behavior and development*, v. 2, Research, p. 230-245. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.

RINDFUSS, R. R. The young adult years: Diversity, structural change, and fertility. *Demography*, 28, p. 493-512, 1991.

TANNER, J. L. Recentring during emerging adulthood: A critical turning point in life span human development. In: ARNETT, J. J.; TANNER, J. L. (Ed.). *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. p. 21-55. Washington, DC: American Psychological Association, 2006.

THORNTON, A.; AXINN, W. G.; TEACHMAN, J. D. The influence of school enrolment and accumulation on cohabitation and marriage in early adulthood. *American Sociological Review*, 60, p. 762-774, 1995.

U. S. BUREAU of the Census. *Statistical abstracts of the United States*: 1997. Washington, DC: Author, 1997.

WU, Z.; MACNEILL, L. Education, work, and childbearing after age 30. *Journal of Comparative Family Studies*, 33, p. 191-213, 2002.

Sara Monteiro

Doutora em Psicologia pela Universidade de Aveiro (Portugal). Pós-Doutoranda em Psicologia na Universidade de Aveiro e na Universidade de Coimbra.

José Tavares

Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Lovain (Bélgica). Professor catedrático na Universidade de Aveiro.

Anabela Pereira

Doutora em Psicologia pela Universidade de Hull (Inglaterra). Professora auxiliar com agregação na Universidade de Aveiro.

Recebido em 16 de março de 2009

Aprovado em 24 de abril de 2009